

Primeira deflação em mais de um ano é passageira

IGP-M de maio registra variação negativa de 0,13%, puxado pelo IPA. Mas economistas alertam que efeito deve se esgotar em junho

Aline Salgado
aline.salgado@brasileconomico.com.br

A primeira deflação na economia registrada após um ano e meio pelo Índice Geral de Preços - Mercado da Fundação Getúlio Vargas (IGP-M/FGV), com variação negativa de 0,13% em maio, é um fenômeno temporário, que passou pelo bolso do consumidor através da desaceleração nos preços de alguns produtos, mas que não deve evoluir para uma queda generalizada. Segundo especialistas, no atacado os efeitos se esgotam em junho e no varejo devem ser sentidos até julho.

Economista do Instituto Brasileiro de Economia (FGV/Ibre), Salomão Quadros explica que a acomodação com quedas dos preços dos alimentos in natura — após uma escalada de altas no início do ano, em função dos efeitos da estiagem e de quebras de safra, além da suavização da pressão do câmbio sobre os produtos intermediários da indústria química e siderurgia — ajudam a explicar a defla-

ção de maio. No entanto, segundo ele, no varejo os efeitos da deflação no atacado devem se fazer sentir no meio do ano, com uma leve perda no ritmo da alta dos preços.

“O que acontece na agricultura e na indústria não se transmite integralmente ao varejo. Devemos ter uma desvalorização e não uma deflação. Há, no entanto, produtos como laticínios e o pão que subiram 2% e apresentam ainda uma alta razoável. No geral, ainda há na economia uma gordura, um espaço de aceleração da inflação”, pontua Quadros.

Com peso de 60% sobre o IGP-M, o Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA) teve taxa de variação de -0,65% em maio. No mês anterior, a taxa foi de 0,79%. Já o Índice de Preços ao Consumidor (IPC), que compõe 30% do IGP-M, registrou desaceleração, atingindo variação de 0,68%, em maio, ante 0,82%, de abril.

Apesar de mostrar uma leve perda de ritmo, a inflação não deve dar trégua ao consumidor nos meses que se seguem. Economista e professora da Coppead/UFRJ, Margarida Gutierrez avalia que a forte indexação que a economia brasileira tem, especialmente no setor de serviços, tornam pouco otimistas as expectativas sobre a possibilidade de a inflação recuar.

“Esses são alívios temporários. Outros componentes estão presentes e confirmam a expectativa que temos sobre a inflação, que não é boa”, analisa Gutierrez.

“O mercado de trabalho aquecido e a indexação alta são elementos a mais para a permanência do ritmo de aceleração nos preços dos produtos. Com uma capacidade menor de responder ao incremento da demanda através do aumento da quantidade de produção, o setor de serviços, por exemplo, acaba jogando essa pressão para os preços. Não à toa, ele é responsável por 35% do IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo/IBGE)”, completa a economista.

O receio da inflação, que assustou os brasileiros com a escalada de altas no início do ano, é um dos fatores para a mudança do com-

“Outros componentes estão presentes e confirmam a expectativa que temos sobre a inflação, que não é boa. O mercado de trabalho aquecido e a indexação alta são elementos a mais”

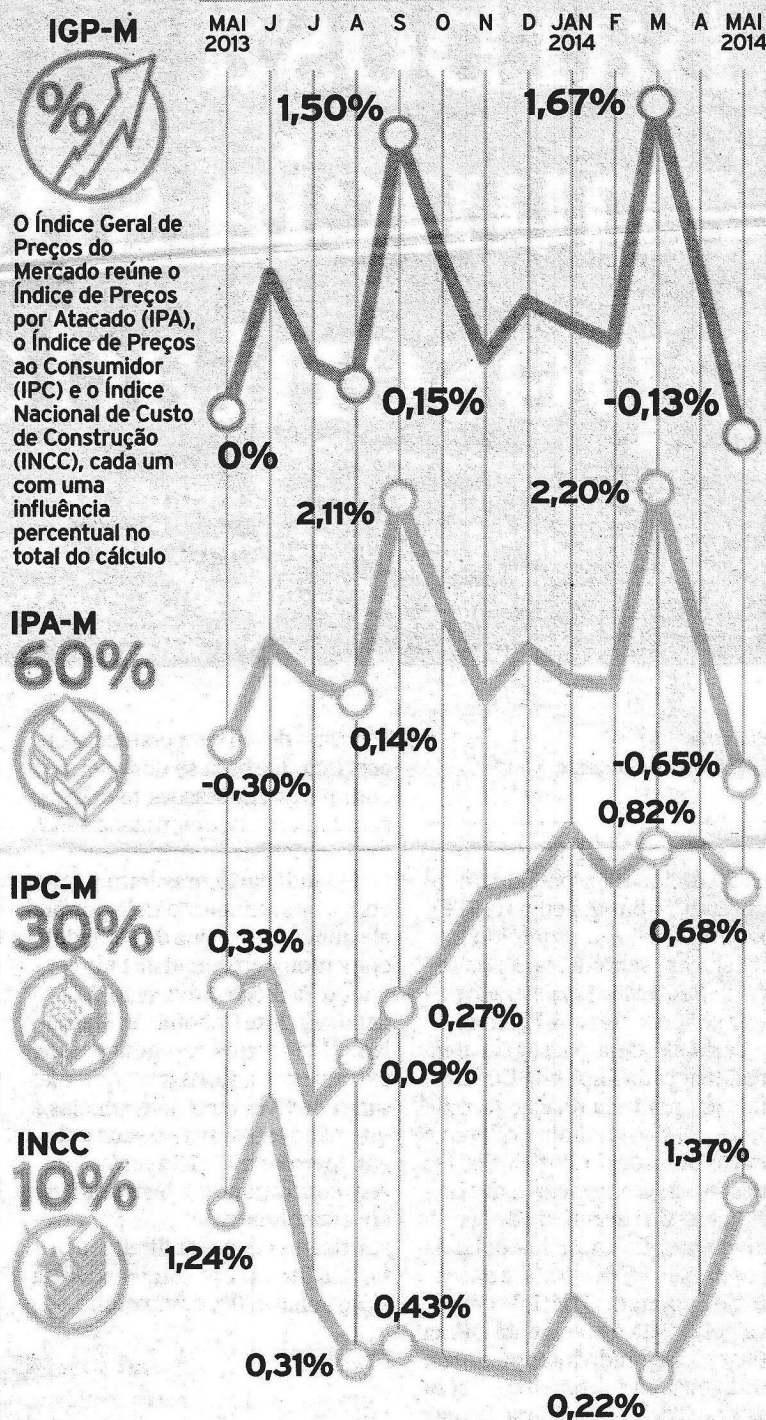
Margarida Gutierrez
Professora da Coppead/UFRJ

portamento do consumidor, mais cauteloso com as compras e o endividamento. Levantamentos realizados pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) e pela Confederação Nacional do Comércio (CNC) comprovam essa realidade.

Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic) da CNC mostra que, apesar do crescimento do número de famílias endividadas em maio frente a abril, em 0,4 ponto percentual, a alta do custo do crédito provocou uma retração na comparação anual — 1,6 ponto percentual. Já o Índice Nacional de Expectativa do Consumidor da CNI revela que os brasileiros estão ainda pessimistas com os rumos da economia. O indicador está em desaceleração deste o início do ano.

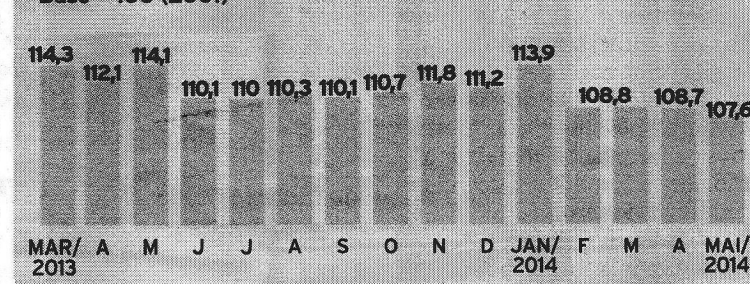
“Os índices de preços ao consumidor mostram uma inflação persistentemente alta e isso afeta a capacidade das famílias de ajustarem os gastos. A alta do crédito, por conta da Selic, é um complicador a mais”, afirma Marianne Hanson, economista da CNC.

O COMPORTAMENTO DOS PREÇOS

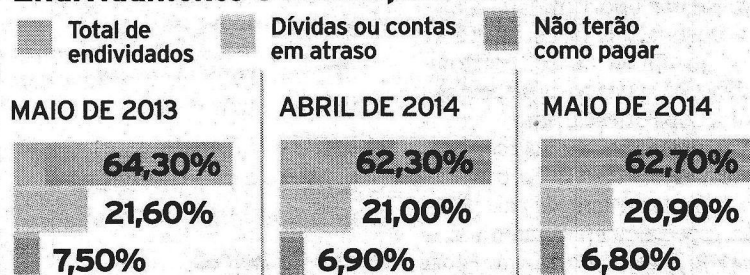


Índice de Expectativa do Consumidor

Base = 100 (2001)



Endividamento e inadimplência do consumidor



Fontes: INEC/CNI, CNC e FGV

“O que acontece na agricultura e indústria não se transmite integralmente ao varejo. Devemos ter uma desvalorização e não uma deflação. Ainda há um espaço de aceleração da inflação”

Salomão Quadros
Economista da FGV/Ibre